

Regional

Diretora ameaça fechar o Parque do Caparaó

Segundo a chefe da unidade no Sul do Estado, local não recebe verba suficiente do governo federal para manutenção

Alessandro de Paula
DORES DO RIO PRETO

O Parque Nacional do Caparaó, unidade de conservação no Sul do Estado, onde está situada a terceira maior montanha do Brasil, o Pico da Bandeira, corre o risco de suspender a visitação pública.

O alerta foi feito pela chefe da unidade, Thais Farias Rodrigues, em carta aberta à população da região. Ela alega que falta pessoal e recursos suficientes para manter o parque aberto à visitação e que o risco de fechar é iminente.

O fato repercutiu nas redes sociais e até ontem à noite cerca de 2,7 mil pessoas já havia assinado petição pública na internet, através do site Avaaz, para salvar o parque.

Com uma área equivalente a 32 mil campos de futebol, o parque está situado na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais e seu território se estende por nove municípios da região, sendo quatro mineiros e cinco capixabas. O acesso no Estado é em Dores do Rio Preto.



PICO DA BANDEIRA é o principal atrativo do parque que fica na divisa com Minas e recebe 40 mil visitantes por ano

Criado em 1961, o parque é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente. Por ano, 40 mil pessoas visitam a unidade.

O ICMBio garantiu que aplicou R\$ 817 mil no ano passado para manutenção do parque e que em 2013 a despesa já chega a R\$ 579 mil.

O órgão garantiu ainda que mantém um efetivo de 50 pessoas

e que sequer cogita a possibilidade de fechar o parque.

No entanto, a gestora alerta que do número de servidores informado pelo ICMBio, 21 são de brigadistas para combate a incêndio, cujos contratos são de seis meses.

“Não há equipe de vigilância em nenhum dos quatro acampamentos e o número de funcionários de limpeza é absurdamente pequeno. Dos 10 servidores efetivos, seis vão se aposentar nos próximos dois

anos”, destacou.

Com relação ao dinheiro gasto na unidade, ela explica que ele é aplicado no pagamento de funcionários terceirizados e contratos de manutenção, mas quase nada chega para a administração do parque.

“Eu vivo tirando dinheiro do meu bolso para consertar cano, vidro, parede, teto, vaso sanitário e computador. Não há sinalização no parque, as trilhas estão todas consumidas pelo mato”, ressaltou.

ALESSANDRO DE PAULA